

Simonsen propõe criar obstáculos às importações dos EUA

03 SET 1982

— Está claro que existe protecionismo nos Estados Unidos, e temos que conviver com ele. Uma das maneiras é criar obstáculos para as importações de lá. Já que o comércio internacional é uma rua de mão dupla, por que não retrucar também com dificuldades?

Assim o ex-Ministro da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, comentou ontem a acusação de fabricantes norte-americanos à International Trade Commission de que os aviões Bandeirantes, da Embraer, são subsidiados pelo Governo brasileiro e que a competição, portanto, é injusta. O caso será julgado esta semana nos Estados Unidos.

Simonsen, que na segunda metade do Governo Geisel participou ativamente das negociações em torno do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) para evitar os atritos do Brasil com os EUA justamente na área do comércio, disse que, em alguns casos, a fórmula do Governo para escapar das acusações é reduzir o subsídio. "Mas o Brasil também poderia virar os seus produtos de exportação para os mercados europeus", afirmou.

México

O ex-Ministro, que participou ontem como debatedor no Seminário sobre Milton Friedman, promovido pela turma Pedro II da Escola Superior de Guerra no auditório da Escola de Guerra Naval, afirmou que "a nacionalização dos bancos no México não resolve nada. Acharam apenas um bode expiatório".

— O problema do México é que ele sacou demais por conta do petróleo no subsolo. Além disso, manteve a taxa de câmbio muito artificial e deixou que houvesse a livre conversão do peso em dólar — comentou.

Para Simonsen, a questão de renegociar a dívida nem se coloca para o Brasil: "Isto é fácil. O problema é negociar o que vem depois, com uma absoluta falta de credibilidade por parte de outros países e de banqueiros. Para o Brasil, não há alternativa — é seguir tentando obter bons resultados na balança comercial."

Segundo o ex-ministro, a dívida externa brasileira não chega a alarmar. O número, em termos absolutos, pode impressionar, diz ele, mas não é tão grande, quando comparado com a economia do país. No Brasil, cita Simonsen, a dívida externa representa 25% do Produto Interno Bruto, quando na Suécia esta porcentagem chega a 40% e na Dinamarca, até a 70%.

Simonsen voltou a dizer que a alta das taxas de juros norte-americanas gerou uma crise na economia mundial de efeitos mais desastrosos que os dois choques no petróleo, em 1973 e 1979. "A alta das taxas de juros não beneficiou ninguém. As crises do petróleo ainda tinham uma lógica, o que não ocorre com as taxas de juros".